

## OS CONTEÚDOS SOBRE O ÍNDIO NO LIVRO DIDÁTICO

*Michelle Barbosa Dourado\**

UESB

E-mail:

[michelledourado0798@gmail.com](mailto:michelledourado0798@gmail.com)

*Monique Nunes Santos*

UESB

E-mail: [nicknunes.nn@gmail.com](mailto:nicknunes.nn@gmail.com)

*Rúbia Sherllen Lima Oliveira*

UESB

Email: [binhalima271@gmail.com](mailto:binhalima271@gmail.com)

**Resumo:** O livro didático é um material extremamente importante para o desempenho e desenvolvimento do aluno, sendo assim equívocos em relação a determinado tema pode ser extremamente prejudicial para o aprendizado do discente. Com base nisso, o artigo busca apresentar de que forma os conteúdos relacionados aos índios são abordados no livro didático de história, através das análises de imagens que fazem referências aos mesmos. Tais imagens foram analisadas com o intuito de explicitar o modo como a cultura indígena é retratada atualmente aos discentes por intermédio do material didático. A partir das constatações feitas, foi possível perceber que os povos indígenas têm sido apresentados de forma genérica e estereotipada, desconsiderando o contexto atual em que vivem.

**Palavras chave:** Educação. Índio. Livro didático.

\*Graduandas do curso de Pedagogia- Universidade Estadual da Bahia- Brasil.

### INTRODUÇÃO

O livro didático se constitui uma importante ferramenta para auxiliar o professor em relação aos conteúdos e atividades a serem trabalhadas em sala de aula. Sabe-se que o livro usado pelos docentes e discentes não é o único artefato existente que viabiliza a aprendizagem. Contudo, na realidade das escolas públicas, principalmente, ele é quase exclusivo devido á falta de outros recursos que potencializem a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno. Dessa forma, é imprescindível salientar a importância de que o professor esteja atento a escolha do livro didático, pois ele auxilia diretamente a aprendizagem dos discentes.

O primeiro contato dos alunos com o tema a ser estudado é por meio do livro didático que será explicado pelo professor, ou seja, é no livro que o aluno passa a conhecer, por exemplo,

conteúdos da história que nunca lhe foram apresentados. É aí que o professor deve ter um olhar minucioso e crítico para saber como escolher os livros e apresentar conceitos de forma que não desperte no aluno uma visão distorcida, pejorativa, preconceituosa ou equivocada sobre determinado assunto, e estar sempre atento se o livro didático trará ensejos às visões mencionadas. Especificamente, no tema que será abordado neste artigo, sobre a educação indígena, os livros didáticos vêm trazendo um olhar equivocado e por vezes preconceituosos acerca desses sujeitos. A começar pela denominação que foi imposta aos nativos com a chegada dos europeus em território americano, os índios só são chamados assim porque os europeus acreditavam estar na Índia, ou seja, os índios hoje são conhecidos por um nome característico que foi escolhido por outros povos e não eles. Sua educação antes da chegada europeia era baseada em costumes passados de geração em geração, posteriormente tiveram que se submeter a catequização dos portugueses, sem se quer poder escolher ou optar. Ou seja, os índios começaram a viver um processo de aculturação dos colonizadores desconsiderando a cultura, as crenças e o modo de vida existente antes da chegada destes.

Ao longo do tempo, como consequência de tantas lutas, os índios foram diminuindo significativamente no Brasil. Uma das grandes lutas indígenas, por exemplo, é com relação a defesa de suas terras. Foi no período republicano que começaram a ser pensadas leis que se demonstraram favoráveis e respeitosas à cultura indígena, e a partir desse período outras leis foram feitas para que o índio adquirisse respeito e espaço dentro da sociedade. Entretanto, apesar das leis, e de debates com relação aos indígenas, atualmente seus direitos ainda são pouco considerados e a visão que a maior parte da população possui hoje com relação a esses povos é uma visão antiga e restrita sem levar em consideração que antes dos europeus já existiam habitantes no Brasil e sem conseguir enxergar como estes habitantes mudaram hoje. Sendo assim, é importante perguntar: Como os livros didáticos estão abordando a questão dos indígenas brasileiros?

## **METODOLOGIA**

O presente artigo utilizou de pesquisa exploratória que segundo Gil (2002, p.41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo

principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Para isso, foram analisados artigos e livros que abordavam questões como a importância do livro didático e uma visão mais abrangente sobre os índios, a história e o contexto educacional que lhes foi imposto, essa análise se fez necessária para ampliar os conhecimentos em relação a realidade e ao que está sendo inserido nos livros didáticos. Os livros utilizados foram “Descobrir o mundo” do 3º ano do ensino fundamental, dos autores Simielli, Nigro e Charlier (2016) da editora Ática “Interagindo com a história”, do 5º ano do ensino fundamental dos autores Sourient, Rudek e Camargo (2008) da editora do Brasil e o livro de história do “Projeto Conviver” dos autores Dreguer e Marconi (2009) da editora Moderna, também do 5º ano. Foi realizada também uma breve recapitulação da história indígena e seu desenvolvimento educacional para dessa forma esclarecer o que já existe como determinação nesse contexto através dos autores Araújo (2013), Luciano (2006) e o caderno do MEC/SECAD (2007), sendo posteriormente analisado o Programa Nacional do Livro Didático e suas nuances.

## **DISCUSSÕES E RESULTADOS**

### **Os índios e a educação indígena no Brasil**

“Índio” ou “indígena, segundo o dicionário da língua portuguesa, que dizer “aquele que é natural da região em que habita”, entretanto, os povos nativos do continente que hoje chamamos América do Sul foram denominados índios por motivos que podemos dizer ser uma coincidência. No ano de 1492, Cristóvão Colombo sai da Espanha, em nome da coroa espanhola a caminho das antigas Índias, que eram localizadas no continente asiático. Nesse percurso, por ocasião de tempestades fortes, as navegações lideradas por Colombo ficaram à deriva, até chegarem as terras que hoje formam o continente americano, imaginando que fossem as Índias. Por esse motivo, os povos nativos dessas terras foram apelidados de “índios”, denominação que permanece até o dia de hoje (LUCIANO, 2006).

Dessa forma, subentende-se que nenhuma das tribos, povos ou clãs se autodenominam índios. Esses são resquícios trazidos desde o período colonial, e dão inclusive, a ideia de generalização dos povos nativos do continente americano. Entretanto, diferente disso, cada índio pertence a uma determinada etnia, que possui a sua autodenominação (ex: os Guaranis,



os Yanomamis, etc.), a sua cultura e os seus costumes, e que vão variar de acordo com cada povo. Luciano (2006), que pertence ao povo Baniwa, ressalta que alguns grupos indígenas possuem uma autodenominação, mas acabam ficando conhecidos por um nome dado por outros povos, que vai ser definido de acordo com a sua característica principal. (ibidem, p.30)

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil, estimava-se que já habitavam no País mais de 5 milhões de índios. Hoje, após diversas tragédias, como “escravidão, guerras, doenças, massacres, genocídios, etnocídios e outros males”, provocados em sua maioria no período colonial, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que a população indígena atual está em torno de 700.000 pessoas. (ibidem, p.17)

Entretanto, mesmo com a população extremamente reduzida, existe ainda uma grande variedade de grupos indígenas. De acordo também com os dados do IBGE, a população de indígenas declarados pelo quesito cor ou raça do censo de 2010 é de 896,9 índios, distribuídos em 505 terras indígenas (63,8%) e na zona urbana (36,2%), pertencentes a 305 etnias e falantes de 274 línguas. Cada grupo carrega as suas tradições e especificidades. (IBGE, 2010)

A educação indígena, antes do período de colonização do Brasil, acontecia de forma não sistematizada. O aprendizado se dava através da transmissão de conhecimentos de geração em geração. Dessa forma, os mais velhos ensinavam aos mais novos o modo de viver e a cultura do seu povo (SAVIANI, 2007).

Entretanto, depois que o Brasil se tornou colônia, o modo de vida indígena mudou bruscamente, pois nesse momento começaram a ser introduzidas na sua cultura atividades próprias do país colonizador. A vinda da Companhia de Jesus começou aos poucos a modificar a educação da população indígena, que com o tempo ficou completamente a cargo dos mesmos, através dos aldeamentos, grandes aldeias onde viviam os índios trazidos pelos jesuítas, tendo esses que viver isolados, sob o controle das normas dos padres missionários, com o objetivo de aculturá-los. Esse tipo de educação prevaleceu ao longo dos períodos colonial, do ano de 1549 até o ano de 1759, tendo como sua principal característica a catequização dos índios. (BRASIL, SECAD/MEC, 2007)

Após esse período, a educação dos índios foi adequada a cada reforma feita, começando pelas reformas pombalinas e as aulas régias, e passando pelo período imperial, momento de tentativa de “civilização” dos índios através da reunião de povos diferentes nos aldeamentos. Entendemos dessa forma que a introdução da escola para os índios se desenvolveu concomitantemente ao processo de colonização do Brasil, com objetivos ora de catequização e aculturação, ora de preparação da mão de obra, para que esses índios pudessem ser inseridos “como trabalhadores nacionais e desprovidos de atributos étnicos ou culturais”. (ARAÚJO, 2013)

Assim sendo, a educação indígena permanece praticamente a cargo da igreja católica até o final do século XX, pois o Estado continua dividindo essa responsabilidade com as ordens religiosas. Leis específicas que estabelecem diretrizes para a educação indígenas não existiam; ao invés disso, os índios não foram sequer considerados cidadãos por muito tempo. É através da legislação do período republicano que se iniciam medidas a favor do povo indígena, e pode-se observar uma fração de respeito a cultura indígena:

Esse princípio está presente, por exemplo, no texto do Decreto nº 8.072, de 20 de julho de 1910, que institui o SPILT (Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais) e define como fundamento básico desse órgão “o respeito às tribos indígenas como povos que tinham o direito de ser eles próprios, de professar suas crenças, de viver segundo o único modo que sabiam fazê-lo: aquele que aprenderam de seus antepassados e que só lentamente vai mudar.” (RIBEIRO, D. apud BRASIL. SECAD/MEC, 2007, p. 25).

Outras leis são instituídas, como a Lei nº 5.371, de 1967, que extingue o SPILT e institui a Fundação Nacional do Índio (Funai), e a lei 6.001, de 1973, que institui o estatuto do índio. Entretanto, apesar de o número de leis em relação aos indígenas crescer de acordo com os interesses políticos em cada momento histórico, não significa dizer que houve um desenvolvimento das mesmas, mas em lugar disso, essa legislação continuou “praticamente inalterada” até a década de 1980. Essa mesma legislação, era voltada, na maioria das vezes, para a legitimação da colonização, do domínio sobre os povos indígenas e a sua escravização, e também para justificar os massacres feitos a esse povo. (ibidem, p.26)

É na Constituição Federal de 1988 (CF/88) que surgem de fato avanços com relação aos direitos indígenas que, de acordo com Araújo (2013), vinham sendo reivindicados desde a

década de 1970 pelo movimento indígena. A Constituição, em seu capítulo VIII, intitulado por “dos índios”, prevê nos artigos 231 e 232 que

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a União demarca-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens [...]

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesas de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo. (BRASIL, 1988)

Dessa forma, podemos observar que depois de quase 500 anos de escravização e modificação de toda uma cultura, é garantida aos índios a permanência no seu modo de vida, a proteção e respeito a sua cultura, e o direito de reivindicar juridicamente caso sofram algo que vá de encontro ao que foi exposto. Assegura ainda, de acordo com Araújo (2013), o direito dos índios a uma educação voltada a suas especificidades, sendo ela “[...] um lugar onde a relação entre os conhecimentos próprios e os conhecimentos das demais culturas deve se articular.” (BRASIL, 1998 apud ARAÚJO, 2013, p.77)

Entretanto, vale ressaltar que o surgimento dessas definições teve influência direta de medidas protecionistas em relação aos povos indígenas e as suas identidades, que estavam sendo tomadas em vários lugares do mundo perante a luta pelos direitos humanos, significando assim, a adequação do Brasil ao panorama mundial. (BRASIL. SECAD/MEC, 2007, p.26)

Ainda assim, independentemente do porquê de terem sido criadas, as definições da CF/88 foram essenciais para o início de uma série de reformulações legais que foram feitas, reafirmando os direitos dos índios. Entre elas, podemos ressaltar o Decreto Presidencial nº 26/1991, que responsabiliza o Ministério da Educação pela política educacional indígena, devendo ser os Estados e Municípios os responsáveis pela execução dessas políticas; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei nº 9.394/1996), e o primeiro Plano Nacional de Educação – PNE (Lei nº 10.172/2001), “que tratam das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena”. (idem)

Após esse período, ocorrem ainda definição de Leis específicas para a educação escolar indígena, que juntamente com todo o aparato legal concernente aos índios, permitiu e tem permitido a criação e o desenvolvimento de uma escola pensada para atender as



necessidades dos povos indígenas, com um modelo educacional que seja adequado às suas características e respeite a realidade vivida por eles. (ARAÚJO, 2013)

Atualmente, sabe-se que não foi alcançada a efetivação integral da legislação para a educação escolar indígenas, não ocorrendo, dessa forma, como estão previstas. Contudo, apesar desses fatores, levando em conta todos os fatos históricos, essa mesma legislação atuou significativamente, pois possibilitou avanço dos direitos indígenas no Brasil, que foram por um longo período inexistentes. (BRASIL. SECAD/MEC, 2007, p.27)

### **ANÁLISE DE IMAGENS**

Diferentemente da ideia apresentada nos livros didáticos, que descartam a história dos povos indígenas antes do período da colonização, esse povo tinha uma história, costumes, culturas, muito diferente das tribos que temos hoje no Brasil. Esse fato pode ser explicado como uma consequência do processo de aculturação sofrido por esses povos do período colonial até o presente momento. Sobre isso, Luciano (2006, p.17), afirma que “A diferença não é só de tempo nem de população, mas principalmente de cultura, de espírito e de visão do mundo sobre o passado, o presente e o futuro”.

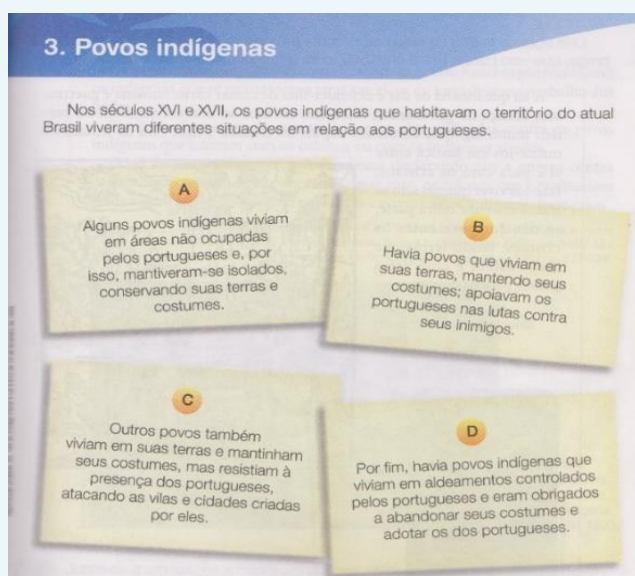
A visão do brasileiro sobre os índios de hoje, por mais que esses tenham mudado ao longo da história, é completamente estereotipada, tendo o mesmo autor ainda ressaltado que “no Brasil de hoje ainda muitos brasileiros nos veem como índios preguiçosos, improdutivos” (idem, p.18). Pode-se perceber com isso que a população não consegue assimilar nem o índio da atualidade, que está próximo, tampouco reproduziria com excelência os índios que viviam no Brasil no ano de 1500, quando se inicia a colonização.

Contudo, a reprodução do índio está sempre presente no livro didático, mas não conhecer a pluralidade dos povos indígenas é um dos motivos que faz com que nos seja apresentado desde os primeiros anos de ensino, no livro didático, um índio genérico. Um outro motivo seria o fato de reforçar a romantização da colonização do Brasil, pois esses mesmos livros na maioria das vezes não mostram como esse processo ocorreu de fato.

O livro didático é um instrumento de uma grande importância no âmbito escolar, pois além de ser o meio pelo qual o professor vai trabalhar sua educação, é também muitas vezes o único contato que alguns alunos vão ter com o acesso a informação. E a partir desse preceito o livro torna-se um formador de conceitos, opiniões, e valores que vão ser carregados para a

vida de cada criança. Por esse motivo propomos trabalhar com o indígena na educação buscando elementos que confirmem os estereótipos e preconceitos contidos dentro do corpo dos livros didáticos. Telles aborda em seu livro propões que os livros didáticos são “[...] em geral, são obras cheias de preconceitos e estereótipos; possuem uma vontade excessiva de adaptar o real a desígnios convencionais, até conservadores, prendendo-se a um modelo ideal de como as coisas deveriam ser e, assim, esvaziando a história, os episódios narrados e os grupos étnicos envolvidos.”

Buscamos analisar em três livros didáticos distintos de editoras diferenciadas a imagem do índio contida neles. Na análise a seguir, poderemos perceber a presença do estereótipo criado acerca da cultura indígena e em como os índios deixam de ser abordados de forma que os alunos percebam a realidade vivenciada por eles hoje em dia, limitando-se apenas ao índio característico no momento da colonização.



Essa foi a primeira abordagem sobre índios, intitulada “povos indígenas” de um dos livros analisados. O título apresentado transmite a ideia de que o capítulo explanará sobre os povos indígenas de fato, entretanto, na primeira frase escrita, podemos observar que o que realmente será mostrado não se restringe aos índios, mas aborda como eles se comportavam mediante os portugueses. Portanto, observamos que não há a menor intenção de fazer conhecidos os povos indígenas, e a sua enorme variedade étnica, mas ao contrário disso, o fragmento do livro possibilita entender subjetivamente que não há povo indígena antes da invasão dos portugueses. Dessa forma, pode-se afirmar que



A história do Brasil nos manuais didáticos começa com a chegada do colonizador. Os/as índios/as aparecem na História somente a partir desse contato, retratados/as quase sempre em situação de inferioridade. Não há uma preocupação em mostrar uma história indígena anterior a colonização portuguesa. (SILVA, 2014, p. 3)

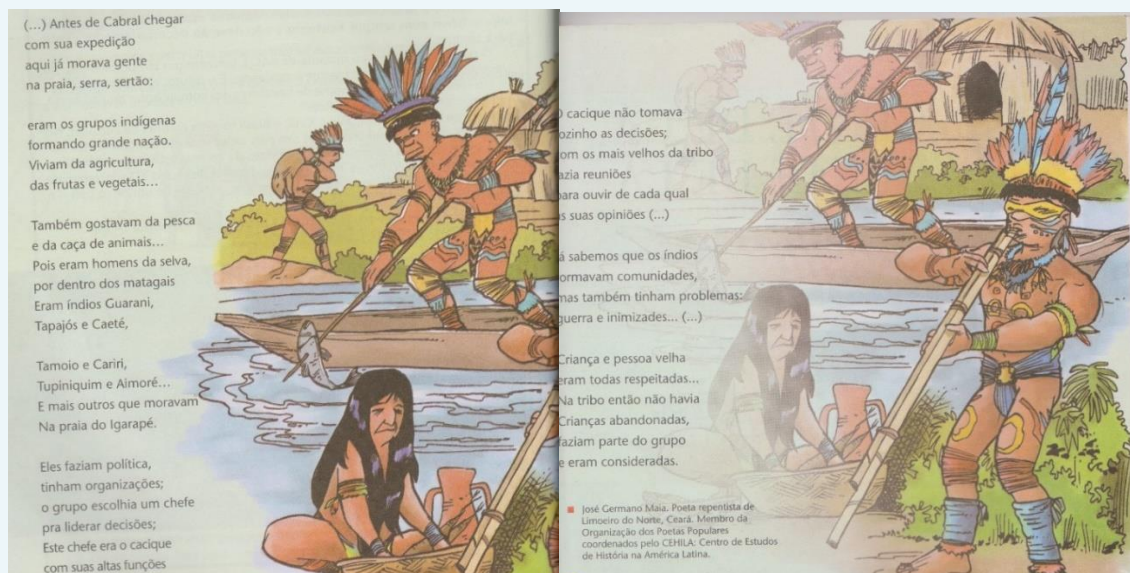
Logo abaixo podem ser vistos quatro quadros, identificados pelas letras A, B, C e D. São esses quadros que vão, de acordo com o livro didático, mostrar quais eram as situações vividas pelos diferentes povos indígenas em relação aos portugueses durante o período de colonização. Na primeira situação apresentada, quadro A, são retratados determinados grupos indígenas que se isolaram, e por isso não foram afetados pela colonização, podendo conservar as suas culturas e terras, entretanto sabemos que a cultura de todos os povos indígenas foi afetada e fortemente modificada no período colonial e todo o período subsequente. Luciano (2006) afirma que

Há uma grande diferença entre os milhões de povos nativos que habitavam as terras que hoje chamamos de Brasil desde milhares de anos antes da chegada dos portugueses e as poucas centenas de povos denominados indígenas que atualmente compõem os 0,4% da população brasileira [...] (LUCIANO, 2006, p. 17)

Já o quadro B, traz uma ideia de índios “amigos” e “inimigos” dos portugueses, quando é afirmado que alguns índios viviam tranquilos em suas terras e conservavam a sua cultura, mas ajudavam os portugueses a lutar contra os “inimigos”, apresentados no quadro C como outros povos indígenas, que também mantinham os seus costumes, mas não aceitavam a presença dos portugueses nas terras brasileiras. Primeiramente, vimos que a cultura de todos os povos indígenas foi bruscamente modificada, descartando a ideia trazida pelos quadros de que esses povos conseguiram manter a sua cultura intacta. Sabemos também que várias tragédias ocorreram na vida desses povos, como “escavidão, guerras, doenças, massacres, genocídios, etnocídios e outros males” que foram ocasionados pelos colonizadores, entendo assim que não haviam índios “amigos” dos portugueses, e sim índios dominados por eles. (idem)

O quarto e último quadro, identificado pela letra D, relata ainda sobre os povos indígenas que viviam nos aldeamentos, sendo esses controlados pelos portugueses, e obrigados a abandonar os seus costumes. Como visto no tópico “Os índios e a educação indígena no Brasil” desse mesmo artigo, esse controle dos portugueses ocorria de fato, entretanto não era somente nos aldeamentos. Nesses locais, os índios eram sim obrigados a abandonar as suas culturas, e viverem isoladamente, sendo a intenção dos padres missionários que estavam a

frente desses aldeamentos fazer com que esses índios esquecessem de vez os seus costumes, e passassem a viver de acordo a cultura dos colonizadores.



Nesse fragmento de outro livro didático vemos um poema falando sobre os índios, seus costumes e culturas de acordo com a visão do autor. Ao longo do poema podemos ver que se trata da história dos índios antes da chegada dos portugueses, e como é característico das abordagens do livro didático, de forma genérica.

É abordado nas primeiras estrofes que havia antes da chegada dos portugueses grupos indígenas que “formavam uma grande nação” segundo o autor. Vemos aí o reconhecimento da existência de diferentes etnias indígenas, que é novamente reforçado mais abaixo, quando são citados nomes de alguns povos diferentes.

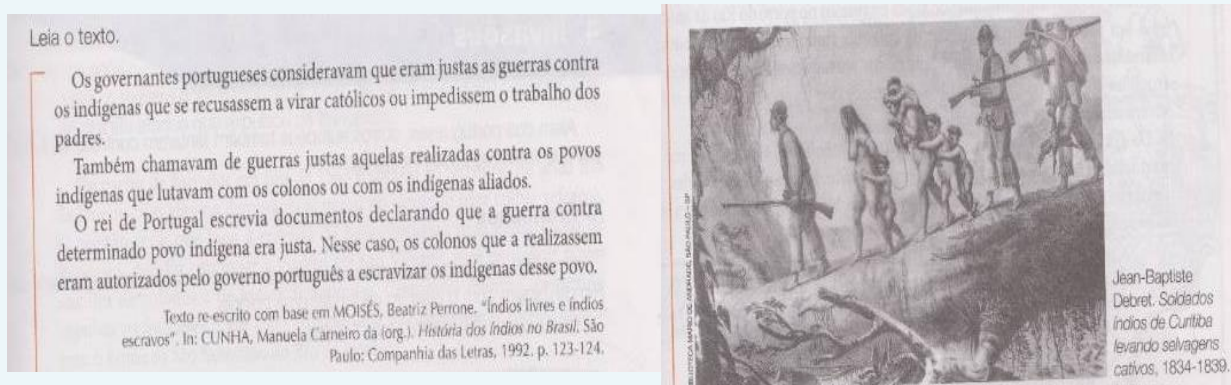
Entretanto, a cultura, o modo de vida e as características são abordadas ao longo do poema de forma generalizada, ou seja, toda essa variedade de povos é citada como se compartilhassem de um mesmo modo de vida, o que, como já foi visto ao longo do presente artigo, não pode ser considerado verdade. Dessa forma, podemos afirmar que

O índio é visto como um ser invisível, que habita os livros didáticos. Quando ocorre a referência são “classificados” de maneira genérica em identificação étnica, com suas línguas, em seus diferentes espaços, em suas formas sociais de organização e cultura.” (LEMONS, 1999 apud REIS & BARBOSA)

Também encontramos presente no poema a ideia de coletividade, que é algo que realmente condiz com o modo de vida dessas comunidades. Ponce (1934) se refere a essas



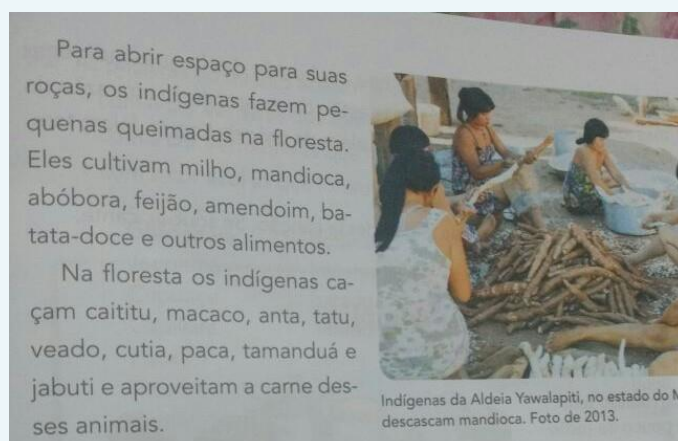
comunidades primitivas também como coletividades. De acordo com ele, esses povos viviam em uma propriedade comum de terra, e todas as coisas ocorriam de forma democrática, apesar de haver um chefe de tribo. (idem, p.17)



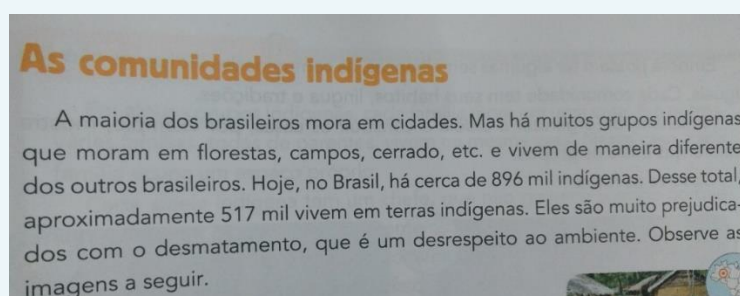
O texto que antecede a imagem aborda como os portugueses consideravam “justa” a guerra contra os indígenas que se recusassem a deixar suas crenças e culturas para aceitar o catolicismo, para deixar suas raízes e aceitar o que lhe era imposto, quem se rebelava, quem não seguia conforme era determinado, conforme era mandado. E apenas é apresentado isso, sem nenhuma incitação de discussão de quanto é errado a prática, como os índios perderam sua cultura, como os colonizadores foram cruéis ao fazerem o povo indígena perder suas características e apenas aceitar aquilo que os portugueses impunham. Falta essa discussão, falta trabalhar com os alunos o que foi feito, porém como foi feito e como foi errado para estes não aderirem aos seus conceitos que foi realmente “justo” essa prática dos colonizadores.

Na imagem os índios são retratados como submissos aos brancos, andando nus, aparentemente acorrentados, mostrando e efetivando a ideia que os índios são menos que o povo branco, que esses eram apenas escravos. No livro inteiro que foi trabalhado não há menção alguma da cultura indígena atual, como se os índios se resumissem a esse momento da história, apenas os colonizados, sem voz, sem valor, sem participação considerável na construção do Brasil. Não é abordado de forma alguma em como os índios foram os primeiros habitantes nem sua cultura, nem suas crenças, línguas, não se é tratado isso, e o que fica na cabeça das crianças é esse estereótipo construído por essas imagens.





Na imagem em outro livro, os índios na atualidade em seu cotidiano normal, em contraponto ao que é exposto na maioria dos livros analisados. Então é perceptível que as pessoas estão com roupas normais, não mais andam nus, que andam como qualquer um de nós, e fazem coisas normais. Porém ainda é trabalhado que os índios estão trabalhando com método manual, braçal, mulheres sentadas no chão, e não é retratado que os índios estão nas escolas, nas universidades, que trabalham em empresas, que podem fazer qualquer coisa. No texto que acompanha a imagem é abordado que os índios plantam e caçam, mas não é trabalhado que esses também podem comprar comida, que também podem ir ao mercado, etc. Então é preciso que se desconstrua essas ideias ainda contidas nos detalhes, para que o preconceito seja extinguido e se chegue a efetiva igualdade, que os estereótipos sejam desconstruídos, que se apresente aos alunos que todos são iguais, todos estão numa mesma sociedade, que apesar de culturas diferentes os índios estão entre nós dentro de um mesmo meio, são como qualquer outra pessoa.



Em um livro de terceiro ano do ensino fundamental, onde as crianças estão iniciando o contato com as histórias que são de extrema importância para entenderem como a história se encaminhou até os dias atuais, a informação acima carece detalhes importantes. Apesar das crianças entre oito e nove anos precisarem de uma linguagem mais acessível, o livro poderia

abordar um texto maior antes de inserir as imagens clichês de índios nus. O texto poderia abordar mais sobre a situação em que os índios vivem, o processo de aculturação que eles já sofreram, de modo que mostre ao discente que mesmo que os índios ainda vivem de formas diferentes eles não possuem os mesmos hábitos de quinhentos anos atrás. Além de deixar bem claro, que não são só os índios que “vivem de maneira diferente dos outros brasileiros”, e sim todos os brasileiros. A variedade de costumes, crenças e hábitos vão variar entre todos os brasileiros, do sul, sudeste, centro-oeste, nordeste e norte. Ou seja, os brasileiros não possuem as mesmas maneiras de viver, a variedade é bem característica das próprias regiões. Sendo assim o índio não pode ser considerado “diferente dos outros brasileiros”, uma vez que o Brasil é um país diverso, plural e multicultural. Isso precisa ser esclarecido aos docentes para que eles entendam que os índios atualmente têm acesso à educação e já possuem esclarecimento sobre diversos conceitos, inclusive sobre a luta da defesa de suas terras. A abordagem indígena foi muito restrita na imagem acima.

Em alguns grupos indígenas, cada família mora em uma casa. Em outros, várias famílias, todas de parentes, vivem na mesma casa. Nesse caso, cada família ocupa um espaço próprio.

Cada aldeia indígena tem um chefe, que não governa sozinho porque sempre escuta o povo, principalmente os mais velhos.

O lugar de reuniões é muito importante para a aldeia: ali, os indígenas se reúnem para conversar, lembrar de fatos antigos, organizar o trabalho da comunidade, promover festas e rezar. Geralmente, é onde também fica a escola.

Além do chefe, há o pajé, que cuida da saúde e aconselha as pessoas do grupo. O pajé conhece as plantas e com elas faz remédios. É ele quem conhece as lendas e as histórias orais de sua gente.



Novamente a imagem traz informações sobre o índio como algo clichê, sem explicar e esclarecer a importância dos índios na história do Brasil, e sem analisar como eles estão hoje. Em meio ao texto o autor cita “geralmente é onde também fica a escola”, e encerra por aí algo que poderia ser explorado e apresentado ao aluno, ou seja, ampliar a visão de os índios não são apenas aqueles que andam nus usando adereços como penas e que dançam como costumes, mas que também frequentam a escola e possuem o acesso ao conhecimento tanto quando os demais alunos do país (que inclusive também possuem suas diferenças de costumes e hábitos). A imagem ainda acrescenta “Além do chefe, há o pajé, que cuida da saúde e aconselha as pessoas do grupo. O pajé conhece as plantas e com ela faz remédios.” Essa frase é muito perigosa dentro do contexto social, onde as crianças vão levantar uma

imagem de que os índios ainda nos dias atuais vivem isolados, sem acesso a saúde pública, atendimento médico hospitalar, uma vez que a frase é colocada inteiramente no tempo presente. Não desfazendo das crenças indígenas, em que o pajé ainda é muito respeitado, mas muito já se modificou principalmente com relação ao uso de remédios. De acordo com o documentário “índios no Brasil”, a visão transmitida sobre os índios é tão distorcida que os índios que estudam, entram na universidade, usam roupas, possuem comércio e sempre irão se considerar índios, são criticados na sociedade com o argumento de que “deixaram de ser índio”, sendo esta uma visão preconceituosa e distorcida sobre a realidade atual dos índios.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises feitas podemos perceber que os conteúdos apresentados nos três livros didáticos utilizados, sobre os povos indígenas trazem uma abordagem desorganizada sobre esses povos. Nas poucas páginas em que aparecem, são apresentados em tópicos desconexos, títulos vazios e que não condizem com o que é apresentado, e principalmente, são apresentados de forma genérica, como se houvesse apenas um povo indígena, ou vários povos indígenas que compartilham da mesma cultura.

Sabemos que o livro didático é o principal formador da mentalidade das crianças no meio escolar. Dessa forma, o fato de o livro didático não apresentar a história dos povos indígenas, mas ao invés disso apresentar tópicos isolados ao longo do livro impede a construção desse processo na mente do aluno dos anos iniciais. O modo como os índios são apresentados, em um tempo passado, com características que acabam generalizando a cultura desses povos, formam no aluno uma ideia de índios que vivem de um único modo, geralmente em terras de mata, isolados, que vivem da caça, pesca e agricultura, que andam nus, etc. Entretanto, sabemos que essas ideias não condizem com a realidade, além de haver uma variedade enorme de povos indígenas, cada povo possui sua cultura, e os mesmos têm se inserido cada vez mais na população urbana.

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosilene Cruz de; **Educação escolar indígena: breve histórico e perspectivas**. In: CÉSAR, América Lúcia Silva; COSTA, Suzane Lima. Pesquisa e escola: experiências em educação indígena na Bahia. Salvador: Quarteto, 2013, p. 69-91.



BRASIL. **Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Brasília: MEC/SECAD, 2007, p. 10-36.

EUGÊNIO, B.G; Correia, M. F. **Os usos do Livro Didático no Currículo Praticado na Alfabetização.** Rev Ens. Educ. Cienc. Human, Londrina, v.17,n 2, p.186-193. 2016.

LOPES, da Silva (org.) **A questão indígena na sala de aula; subsídios para professores de 1º e 2º graus/** Aracy Lopes da Silva (org.); prefácio Frei Betto- 1. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1987.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 233p. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1).

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes.** 14º ed. São Paulo: Cortez, 1995.

RANGEL, Mary. **Qualidade do livro didático: dos critérios da literatura acadêmica aos do programa nacional do livro didático.** Linhas Críticas, vol.11, núm. 21, julho-diciembre, 2005, pp. 187-200. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.

REIS, Elisângela Alves; BARBOSA, Rosimari Bueno; **A representação do índio no livro didático.** Anais da Semana de Pedagogia da UEM; Volume 1, Número 1. Maringá: UEM, 2012.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de, FARTES, Vera Lúcia Bueno. **O Saber e o Trabalho Docente: Ferramentas e Experiências.** Ed. Edufba, 2011.

SILVA, Phábio Rocha da; **A (in)visibilidade indígena no livro didático de história do ensino médio;** Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. Goiás: UFG, 2014.